

IMAGEM E OLHAR EM PESQUISA: PARA ALÉM DO VISÍVEL

*Maria Esther Fernandes**

*“Mais eu procuro, mais ele se esconde dos meus
olhos.” (Giordano Bruno)*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo demonstrar que a utilização de imagens fotográficas como material e como instrumental de pesquisa permite ao pesquisador ir além da imagem para compreender sua riqueza, uma vez que ela traz subentendida uma gama de significados ocultos, os quais só quem vivenciou a pesquisa tem condições de fazer aflorar. Sendo a imagem apenas parte do todo capaz de ser percebido pelo olho humano, ao se utilizar da fotografia como uma fonte a mais para a leitura da realidade, o pesquisador vai se cercar dos recursos de que dispõe, de modo a ser capaz de transformar um objeto inerte (fotografia) numa linguagem plena de significação. Tal como o artesão, vai tecendo os fios das teorias, das técnicas e da epistemologia, aguçando sua percepção e sua sensibilidade, de modo a ver além daquilo que está à sua frente, de enxergar o que até então não se revelara diante de seus olhos.

Palavras-chave: Imagem. Olhar. Pesquisa.

Image and look in research: beyond the visible

Abstract: The objective of this paper is to show that the use of photographic pictures as research material and instruments allows the researcher to reach beyond the image in order to understand its richness, since it conveys an implicit range of hidden meanings, which can only be brought to light by the person who experienced the research. Because images are only part of the whole that can be apprehended by the human eye, when photographs are utilized as additional sources for the reading of reality the researcher will make use of the available resources in order to be able to transform an inert object (the photograph) into language that is filled with meaning. Like craftspeople, researchers weave the threads of theories, techniques and epistemology and enhance their sensitivity to see through what lies before them and what had not been disclosed to their eyes.

Keywords: Image. Look. Research.

* Socióloga. Livre-docente pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Campus de Franca-SP. Docente do Centro Universitário Uni-FACEF Franca – SP.

Desde a mais remota Antiguidade, a imagem exerceu fascínio sobre o ser humano. São muitas as abordagens, campos de interesse e estudiosos vindos de vários horizontes, que se voltam para ela.

Pode-se notar, ao longo do tempo, pesquisadores de áreas diversas que tomaram esse tema como objeto de estudo: sociólogos, educadores, filósofos, historiadores e semiólogos.

A título de exemplo, merece menção o trabalho realizado por pesquisadores como Zeila de Brito F. Demartini (1997), M. Christina S. de Souza Campos (1992), Miriam L. M. Leite e Olga R. de M. Von Simson (1992), que, embora com objetos e objetivos diversos, paralelamente aos relatos orais se utilizaram-se de fotografias como fonte de informação e, também, como elemento desencadeador de lembranças na memória do entrevistado.

Demartini (1997) inicia afirmando que a reconstrução da História da Educação, no que diz respeito à utilização de fontes, tem se mantido presa aos modelos da historiografia tradicional, não explorando outros campos abertos à reflexão, como o da utilização de imagens. Assim, valendo-se da combinação de elementos oferecidos pela prática com relatos orais, fotos e documentos escritos e, ainda, de pesquisas anteriormente realizadas junto a professores do Estado de São Paulo, focaliza, de maneira especial, a “experiência do ruralismo pedagógico nas décadas de 30 e 40”. Mais especificamente: o propósito da pesquisa foi a análise das fotos sobre a experiência ruralista desenvolvida no Grupo Escolar do Butantã, a partir da década de 1930.

Para tanto, utilizou-se de fotos arquivadas por alguns desses professores, como fonte de informação sobre a época pesquisada e como recurso para aflorar o que ficou retido na memória do entrevistado, ou seja, o que a imagem lhe permitia lembrar.

O relato oral e o que parece estar mais claro na memória de cada um dão o quadro geral, mas as imagens das fotos fazem aflorar novos elementos, surgem detalhes, nomes, fatos, há um aguçamento da própria memória. E é aqui que se distinguem mais as entrevistas com fotos, daquelas que não as tem; há um aprofundamento, a realidade parece tornar-se mais rica e o cotidiano da época mais evidente, permitindo ao pesquisador uma aproximação maior com a mesma. (DEMARTINI, 1997, p. 10).

Campos (1992), associando a fotografia aos relatos orais, dela se valeu para a reconstrução histórico-sociológica da memória familiar. Com o intento de contextualizar a questão em panorama mais amplo, isto é, ao considerar a utilização da fotografia no campo das ciências sociais, oferece contribuição valiosa ao discorrer a respeito da produção de estudiosos relacionada ao tema.

Assim, remonta a clássicos como Franz Boas, Margaret Mead e John Collier que, em suas pesquisas de campo, se utilizaram da fotografia como

uma técnica a mais, capaz de registrar detalhes que poderiam passar despercebidos no cotidiano da pesquisa. Ademais, nota, nesses autores, uma tendência “na direção de um realismo positivista”, ficando a impressão de que pudessem ter entendido o registro fotográfico como imagem fiel do real.

Prossegue no tempo, observando o avanço das reflexões de estudiosos das Ciências Humanas em torno do assunto. Tece considerações sobre as contribuições mais significativas, segundo ela, de Susan Sontag, Roland Barthes e Pierre Bourdieu entre outros. Assim, ao ressaltar a produção do conhecimento por meio da análise da fotografia, destaca as características básicas da estrutura da imagem, quais sejam: sua expressividade, sua ambiguidade e sua ideologia.

Leite e Simson (1992), tomando como ponto de partida pesquisas realizadas por ambas, uma histórico-sociológica sobre o carnaval paulistano e, outra, sobre as potencialidades e limitações da pesquisa metodológica sobre a documentação fotográfica, utilizaram a fotografia como meio para analisar o conteúdo de imagens em fotos, referentes ao carnaval paulistano, através do século XX. Valendo-se da vivência de práticas da história oral para uma avaliação crítica mais rigorosa da documentação fotográfica, ressaltam o propósito da investigação.

Como a finalidade era dupla – conhecer um espectro mais amplo da festa anual, na capital do Estado de São Paulo e avaliar as contribuições do material visual para a compreensão de uma festa popular, à preocupação sociológica com estruturas e dinâmica social foi sendo acrescentada uma abordagem empírica e tentativas experimentais ao lidar com a análise de conteúdo das fotografias. (LEITE; SIMSON, 1992, p. 118).

Cientes da amplitude e complexidade do tema, após a consulta de teóricos da literatura e do cinema, evidenciou-se, para as pesquisadoras, a necessidade de trabalharem a imagem fotográfica em quatro direções: – do observador à imagem; – da imagem ao observador; – do retratado ao observador; – de uma imagem para outra.

As considerações acima colocam em relevo a contribuição que a associação de diversas técnicas pode trazer para a pesquisa sociológica. Sendo o pesquisador um “prisioneiro das fontes”, é imprescindível diversificá-las para melhor levar a cabo seu trabalho de investigação da realidade social.

Como pesquisadora de campo, tardei a despertar para a importância do registro fotográfico como documentação das pesquisas realizadas. Tanto assim que, no início da década de 1980, ao coletar dados para minha tese de doutorado na “Fazenda Primavera”, no noroeste paulista, deixei de fotografar os “velhos sábios do lugar”, que havia longamente entrevistado e com quem estabelecera uma relação de proximidade, a ponto de espontaneamente me revelarem particularidades de sua vida. Recentemente, em de-

zembro de 2010, vinte e oito anos após o início do trabalho, lá retornei com o objetivo de registrar imagens para “Vivências de Campo”, livro onde são relatadas as pesquisas que considero as mais significativas em minha vida acadêmica.

Como era de se esperar, a maioria deles já havia falecido e a possibilidade de perpetuar sua imagem já não existia. Dos desbravadores que lá chegaram na década de 1940, encontrei apenas uma sobrevivente, viúva de um velho caboclo, bastante adoecida. Ficou esse registro, então, limitado a um casal de idosos, que chegara à região em 1951, e a descendentes dos pioneiros.

Lamentei essa perda e o episódio me remete a uma passagem de Lévi-Strauss (1955), em seu clássico “Tristes trópicos”, onde ele se pergunta se não teria sido melhor chegar ao Rio de Janeiro no século XVIII ou XVI, de modo a conhecer os selvagens brasileiros em sua forma mais pura. Quanto mais recuasse no tempo, maior a possibilidade de observar costumes, festas e de partilhar crenças. Em contrapartida, adverte ele, conhecedor do avanço da ciência e de sua produção, sabe que, a cada século que recue, estará renunciando a informações que servem para enriquecer sua reflexão.

Fico a perder em qualquer destes dois quadros. (...) Dentro de alguns centos de anos, outro viajante, tão desesperado como eu, neste mesmo lugar, chorará o desaparecimento daquilo que eu teria podido ver e que não apreendi. (LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 47-48).

Todo pesquisador sabe que é a prática de campo, acrescida da ampliação e do aprofundamento de seu repertório teórico que lhe permite o aprimoramento de utilização das técnicas. Não tinha eu, na ocasião, a sensibilidade necessária para perceber a relevância do registro de imagens. Foi preciso esse espaço de tempo para me dar conta do que considero, hoje, uma perda irreparável.

Com o passar dos anos e a depuração (o refinamento) do olhar, reconheci a importância da imagem fotográfica produzida pelo pesquisador. Mais ainda: rever aquilo que foi registrado num determinado momento, além da evocação de circunstâncias que cercaram determinado episódio da pesquisa, faz com que detalhes, não percebidos anteriormente, saltem aos olhos, desencadeando uma nova leitura de fatos e pessoas.

O registro fotográfico permite ao pesquisador ir além da imagem para compreender sua riqueza, uma vez que ela traz subentendida uma gama de significados ocultos, os quais apenas aquele que vivenciou a pesquisa, tem condições de fazer aflorar.

Campos (1992), ao se referir à utilização do registro fotográfico como material e como instrumental de pesquisa em Ciências Sociais, insiste na

importância de se considerar seu caráter ambíguo como uma de suas principais características. De um lado, sua especificidade estaria na exatidão com que registra ou interpreta os objetos fotografados, ou seja, o “realismo fotográfico”, o que leva o senso comum a considerá-lo como “prova” do real; de outro, ele seria uma visão parcial e particular do objeto fotografado, traria uma representação oculta do real, que só seria possível decodificar via uma leitura mais atenta e subjetiva desse “real”.

É a partir da conceituação do registro fotográfico como ambíguo que podemos compreender a sua riqueza e as suas várias utilizações, uma dupla compreensão, não só como fonte documental de uma época e de um espaço social, nas pesquisas em História, mas também como técnica e fonte de dados em uma pesquisa em Sociologia. A ciência sociológica não interessa analisar um documento frio, que retrata um momento único do passado que o antecede e o vai suceder, além de conter também um contexto de ordem sócio-cultural implicitamente presente em toda fotografia. (CAMPOS, 1992, p. 103)

Penso que talvez seja nesse sentido que Benjamin (1987) tenha escrito “A natureza que fala à câmara não é a mesma que fala ao olhar”. O “olhar treinado” e a sensibilidade do pesquisador permitem-lhe operar a dialética entre visível e invisível, entre real e representação desse real, abrindo caminho para transformar o “indizível” em “dizível”, conforme nos ensinou Maria Isaura Pereira de Queiroz (1988).

Então, um outro componente entra em cena: o olhar. E ele suscita questões tão amplas quanto as sugeridas pela imagem. Esse “olhar treinado” do pesquisador, que dele exige constante e minucioso exercício de atenção para tudo observar e registrar, irá, também, direcionar cortes, recortes e montagens, fragmentando, recompondo e construindo uma nova imagem.

A propósito, Oliveira (2006) fala da necessidade de se problematizar essas “faculdades” – o “olhar”, o “ouvir” e o “escrever” que, de tão próximas e familiares, podem parecer triviais.

Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo – ou *no* campo – esteja na domesticação teórica de seu olhar. Isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto, sobre o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. Seja qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade. (...) É certo que isso não é exclusivo do olhar, uma vez que está presente em todo processo de conhecimento, envolvendo, portanto, todos os atos cognitivos, que mencionei, em seu conjunto. Contudo, é certamente no olhar que essa refração pode ser mais bem compreendida. A própria imagem óptica – refração – chama a atenção para isso. (OLIVEIRA, 2006, p. 19).

Aqui já me defronto com as armadilhas do olhar e com a necessidade de se tentar um passo além do visível. O belo filme de Edward Yang “As

coisas simples da vida” lança-nos uma questão acerca do caráter parcial, subjetivo e ambíguo do nosso olhar. O invisível como complemento do visível é o elemento que guia o filme como um todo. Numa cena memorável, o pequeno Yang-Yang pergunta ao pai se é possível ver inteiramente aquilo que está à nossa volta ou apenas a metade: “Papai, eu não vejo o que você vê e você não vê o que eu vejo. Como posso saber o que você vê? Eu só posso ver a frente das coisas, não a parte de trás, então, só posso conhecer a verdade pela metade, não?”. Sem esperar pela resposta, sai fotografando as pessoas de costas, “para que elas possam ver além daquilo que está à sua frente”.

Embora seja a imagem objeto de comunicação entre as pessoas e, também, objeto de significação, é apenas parte do todo capaz de ser percebido pelo olho humano, passível, portanto, de várias leituras, uma vez que ela é leitura realizada pelo olhar do outro.

Vejo-me, agora, frente a frente com “O olhar” (1988), vasta obra produzida por filósofos, literatos e poetas. Caminho por eles, seduzida pela erudição e beleza desses textos – caleidoscópio pleno de saber e de sabedoria. Não me seria possível abordar, mesmo que tangencialmente, as reflexões dos pensadores que se debruçaram sobre o tema. A alternativa que me resta é pinçar, cá e lá, fragmentos de ideias de alguns de seus autores.

Logo na abertura da obra, Novaes (1988), com o expressivo título “De olhos vendados”, adverte-nos a respeito da sinuosa trilha a ser percorrida rumo ao insondável do olhar, “o mais espiritual de todos os sentidos”, segundo Giordano Bruno. É na esteira do pensamento de Aristóteles e de Merleau-Ponty que o autor nos lança questões:

Se a realidade é o domínio do impreciso, das sombras e das coisas ocultas, por que a ciência – ou a precisão científica – passou a ter soberania tão absoluta sobre os sentidos? E por que, dentre os sentidos, o olhar é o primeiro a ser chamado à ordem? Seria por que, de todos os sentidos, a vista é o que nos faz adquirir mais conhecimentos, nos faz descobrir as diferenças? Ou é em virtude do prestígio que a visão passou a ter em nossa cultura, concentrando em si a inteligência e as paixões? Por que o olhar ignora e é ignorado na experiência ambígua de imagens que não cessam a convidá-lo a ver? (NOVAES, 1988, p. 9).

Chauí (1988), percorrendo ampla gama de filósofos e a raiz etimológica das palavras, com suas “mil faces secretas sob a face neutra”, mostra que em Platão, Plotino, Aristóteles, Descartes, Merleau-Ponty, entre outros, há variações no olhar.

Eis por que, falando latim, a filosofia expunha a idéia com os nomes de espécie sensível – dada aos olhos do corpo – e espécie inteligível – dada ao olho do espírito. Idéia e espécie: uma só e mesma palavra usada para o corpo e a alma por que são capazes de ver e, portanto, de saber (...) De *mirus* (espantoso, estranho, maravilhoso) vem *mirari* (espantar-se, mirar com espanto, mirar, olhar). Aqui, paralisado pelo

espanto, o olhar vê milagre, *miraculum*, e maravilhas prodigiosas, *mirabilia*. Por seu próprio nome, o milagre pertence ao campo do olhar e está destinado à visão. Não o disse Leonardo?

(...)

Todavia, aos olhos maravilhados que mergulham no milagre contrapõe-se um outro olhar, atento, avesso à admiração e ao espanto. São os olhos para os quais ver é intuir: *tuere* (ter constante sob a vista, proteger, guardar, defender), *tuereor* (manter sob a vista, examinar, observar, dirigir, comandar, governar, administrar) *intueor* (olhar atentamente, dominar pelo olhar, meditar), *intuitus* (olhar com respeito e consideração, olhar com propósito e desígnio). Quem não reconhecerá na *meditatio* de Descartes a busca desse olhar atento que domina, governa, dirige e medita? Desse *tuereor*, desse *intuitus mentis*, intuição intelectual contrária à passividade do olhar sensível e que trabalha para corrigi-lo, livrando-o de si mesmo?

O olhar na e da intuição não é simples *video*, nem simplesmente *specio-specto*. Sua referência é à visão numa outra família, a de *perspectio*: conhecimento cabal, pleno, completo, cujo ato se diz *perspecto*, olhar por e para todas as partes e em todas as direções com atenção. E seu resultado se diz *perspicio*: ver e conhecer perfeitamente, aperceber-se, ver através, atravessar com a vista, perscrutar. Esse olhar que se apercebe, atento, penetrante, atravessador e reflexivo é o de um olho *perspicax* (perspicaz, engenhoso) que vê *perspicue* (claramente, manifestamente, evidentemente) porque dotado de uma qualidade fundamental que reencontra no visível e que, dali, por mutação, transmite ao espírito e ao intelecto: a *perspicuitas*, clareza e distinção do transparente. (CHAUI, 1988, p. 36-37).

Ao término de suas reflexões, Chauí indaga: “O que a filosofia da visão ensina à filosofia?” (...) “Ensina que, assim como o visível é atapetado pelo forro do invisível, também o pensado é habitado pelo impensado”. (CHAUI, 1988, p. 60-61).

Gullar (1988) diz que não vai abordar a questão do olhar em termos metafóricos, mas do olhar físico em si mesmo. Confessa a influência de Merleau-Ponty em sua percepção dessa questão. Isso porque ele se propõe a abordar o olhar sob o prisma da arte, mais especificamente, do barroco, e aquele filósofo tem uma visão do problema da percepção muito próxima da arte.

Se eu não olhasse, se eu não tivesse do mundo a apreensão pelo olhar, só o apreendesse pelo tato, pelos ouvidos, pelo olfato, pelo gosto, se eu só o apreendesse assim, que noção eu teria por exemplo da manhã? O que seria a manhã, o amanhecer, o dia, e o entardecer, a noite? Que visão teria eu dessa realidade, se eu não apreendesse o mundo pelo olhar? A textura, a corporeidade das coisas, dos objetos, é diferente se eu apenas os tocar com os dedos. Mas quando eu olho, a riqueza que a minha percepção recebe do olhar é uma coisa incomparável com relação à que os outros sentidos me permitem apreender. Então me parece que a construção do mundo humano deve muito ao fato de que o homem vê a realidade, de que ele apreende a realidade inclusive e principalmente pelo olhar. Ele é quase a base do reconhecimento, não é verdade? Mas se o olhar tem essa importância, é verdade também que eu apreendo pelo olhar elementos que pertencem a outros senti-

dos, e os outros sentidos apreendem coisas que pertencem ao campo do olhar. (GULLAR, 1988, p. 217-218).

O outro poeta, Manoel de Barros (2003), também leva a caminhar além do visível, além do que meramente salta diante dos nossos olhos, de modo a fotografar o que nos escapa, o que não enxergamos.

Madrugada alta a minha aldeia estava morta / Não se ouvia um barulho / ninguém passava entre as casas / Eu estava saindo de uma festa. / Eram quase quatro da manhã. / Ia o Silêncio pela rua carregando um bêbado. / Preparei minha máquina. / O silêncio era um carregador? / Estava carregando o bêbado / Fotografei esse carregador / Tive outras visões naquela madrugada / Preparei minha máquina de novo / Tinha um perfume de jasmim no beiral de um sobrado / Fotografei o perfume / (...) Olhei uma paisagem velha a se debruçar sobre uma casa / Fotografei o sobre / Foi difícil fotografar o sobre, mas por fim eu consegui. (BARROS, 2003, p. 11-12).

Wisnik (1988) inicia dizendo que o tema *visão*, enquanto experiência concreta, impõe: *toda distância ou nenhuma*. Prossegue afirmando a dificuldade de abordá-lo porque “tenta-se falar daquilo que quase não pode ser falado (...). No sentido forte, a visão é uma evidência do invisível, do indizível e do indivisível”. (WISNIK, 1988, p. 283).

Após essa digressão por uma seara que me fascina, retorno ao meu terreno.

Da mesma maneira que o ângulo cria a fotografia, a formação do pesquisador direciona seu olhar sobre o objeto investigado. Sabe que não pode fugir da “domesticação teórica” do seu olhar, uma vez que o objeto sobre o qual dirige seu foco é apreendido pela ótica de sua formação. Portanto, a leitura de uma mesma realidade será diversa sob o olhar do psicólogo, do antropólogo, do sociólogo ou do historiador.

Todo pesquisador é ciente de que não existe um olhar ou um discurso neutro sobre a realidade. Nosso olhar, imerso numa dinâmica de valores, símbolos e crenças, está sempre recriando a realidade e irá marcar a própria percepção daquilo que nos propomos investigar. Sabe, também, que a própria utilização das técnicas – “teorias em atos” – não é neutra porque respaldada por um anteparo teórico. Daí a necessidade da vigilância epistemológica, de uma reflexão sobre a utilização dos instrumentos disponíveis aos quais recorre o pesquisador para a apreensão de seu objeto de estudo.

Ao serem incorporadas à pesquisa sociológica as mais “neutras” técnicas funcionam como “teorias” particulares relativas à representação do objeto investigado. Cada técnica contém instrumentos particulares cujo uso envolve pressupostos teóricos. (THIOLLENT, 1980, p. 44).

O caráter ambíguo da fotografia – suas múltiplas faces –, a amplitude e a complexidade da estrutura da imagem, denotam sua riqueza e abrem espaço para suas várias utilizações em pesquisa: fonte documental, material de pesquisa, instrumento de reativação da memória, reconstrução histórico-sociológica de uma determinada época.

Em campo, o olhar do pesquisador é incessantemente chamado a identificar as muitas imagens que se colocam diante dele. Frente a elas, é instigado ao “*tueor*” e “*intueor*”, ou seja, a examinar, observar, intuir, “olhar por e para todas as partes e em todas as direções com atenção” para perscrutar, aperceber-se, de modo a vislumbrar, entre “sombras e coisas ocultas”, as facetas da realidade que se propõe investigar.

Nessa trilha, em face das muitas dúvidas e incertezas que o assaltam, com o propósito do “olhar atento, penetrante e reflexivo”, o pesquisador, consciente de suas limitações e, também, das que são inerentes aos instrumentos que utiliza para a leitura da realidade, despindo-se, evidentemente, da pretensão do “*perspectio*” (conhecimento cabal, pleno, completo), busca alcançar, com a possível objetividade, aquilo que lhe é dado observar.

Embora a riqueza da percepção pelo olhar seja incomparável em relação à dos outros sentidos (há um consenso dos estudiosos do olhar em relação a essa questão), eles se interpenetram, se fundem e se complementam em nossa apreensão desse espelho multifacetado do real.

“A natureza que fala à câmara não é a mesma que fala ao olhar”. Sendo a imagem apenas parte do todo capaz de ser percebido pelo olho humano, ao se utilizar da fotografia como uma fonte a mais para a leitura da realidade, o pesquisador vai se cercar dos recursos de que dispõe, de modo a ser capaz de transformar um objeto inerte (a fotografia) numa linguagem plena de significação. Nesse exercício de aproximação subjetiva e recuo objetivo, na tentativa de perscrutar para além da imagem, o pesquisador, tal como o artesão, vai tecendo os fios das teorias, das técnicas e da epistemologia, em busca da centelha que lance luz sobre o detalhe, o imperceptível, para descobrir o que se esconde sob a evidência empírica.

O trabalho do pesquisador consiste não apenas em reproduzir o que seu olhar captou do real, mas em tentar ir mais longe, recorrendo a imagens captadas por seu olhar interior, aguçando sua percepção e sua sensibilidade, de modo a ver além daquilo que está à sua frente, de enxergar o que até então não se revelara diante de seus olhos.

São o “visível” e o “invisível”, guiando nossa percepção em pesquisa, para que sejamos capazes de enxergar, como queria Borges (1971), o “outro tigre”, o que não habita a selva ou o verso.

Por essa senda, tateando em torno de tema tão rico e sinuoso – alcance e limites da imagem e do olhar –, fica reiterada a dificuldade de “falar daquilo que quase não pode ser falado”, de se decodificar o “real” por meio de uma leitura sempre mais atenta, de traduzir, nos limites da escrita, “indizível” em “dizível”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Manoel de. *Ensaaios fotográficos*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BORGES, Jorge Luís. O outro tigre. In: _____. *Poemas escolhidos*. Lisboa: Garcia & Carvalho, 1971.
- CAMPOS, Maria Christina S. de Souza. "A associação da fotografia aos relatos orais na reconstrução histórico – sociológica da memória familiar". In: LANG, Alice Beatriz de S. G. (Org.). *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. São Paulo: CERU, 1992. Coleção Textos série 2, n. 3. p. 97-116.
- CHAUÍ, Marilena. "Janela da alma, espelho do mundo". In: NOVAES, Adauto (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. "Resgatando Imagens, colocando novas dúvidas: reflexões sobre o uso de fotos na pesquisa em História da Educação". *CADERNOS CERU*. São Paulo, Humanitas/CERU, n. 8, série 2, p. 9-28, 1997
- GULLAR, Ferreira. "Barroco: olhar e vertigem". In: NOVAES, Adauto. (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 217-224.
- LEITE, Miriam L. M.; SIMSON, Olga R. M. v. "Imagem e linguagem: reflexões de pesquisa". In: LANG, Alice Beatriz de S. G. (Org.). *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. São Paulo: CERU, 1992, p. 117-140, Coleção Textos série 2, n. 3.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa: Portugalia, 1955.
- NOVAES, Adauto. (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- NOVAES, Adauto. De olhos vendados. In: NOVES, Adauto (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 9-20.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. 2. ed. Brasília: Paralelo 15/ São Paulo: UNESP, 2006.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (Org.). *Experimentos com história de vida*. (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice/ Revista dos Tribunais, 1988.
- THIOLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1980.
- WISNIK, José Miguel. Iluminações profanas (poetas, profetas, drogados). In: NOVAES, Adauto. (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 283-300.